

Respeito pelo povo

ALEXANDRE GARCIA

Um velho amigo, antigo companheiro de seqüestro na Argentina, voltou da Holanda, onde mora há anos, e me ligou do Rio apavorado: não está entendendo nada do Brasil; acha que o País vive uma anarquia, uma bagunça deplorável. Aconselhei-o a não se assustar, porque essa é nossa rotina, e ele não pode comparar o Brasil com a Holanda, onde tudo funciona, tudo é organizado, tudo é previsível. Ele argumenta que os políticos estão vivendo outra realidade, que não a brasileira, e que agora até os juizes do Supremo se tornaram alienados do País. Respondi que essa também é a minha impressão. Que uma elite da máquina do Estado parece estar noutro planeta e que parece não ter aprendido as lições da História, onde a derrubada das portas da Bastilha também abriu as portas da Idade Moderna.

O Legislativo, o Judiciário e o Executivo são independentes, sim, mas também são harmônicos — diz a Constituição. E são independentes e harmônicos em função de quê? De si próprios ou do povo? É evidente que eles existem por causa do povo e pelo povo. A independência e harmonia dos poderes só são legítimas quando usadas em benefício do povo, para resolver os problemas do povo, não para agravá-los. Quando aumentam seus próprios salários, aumentam a despesa do Estado, que é sustentado pelo povo, e agravam os problemas do País. A Constituição garante ao Judiciário autonomia administrativa e financeira; e diz que o Congresso é que vota seus próprios salários e os salários do Executi-

vo. Assim, o único que não tem autonomia financeira é o Executivo, que é o único que arrecada. Aí está criada uma situação para a desarmonia entre poderes. Isso poderia ser corrigido, se o Congresso tivesse contato com o País real, e percebesse a premente necessidade de revisar a Constituição.

Se eles tivessem esse contato, estariam tão assustados com a ira do País real que não fariam o que fizeram e fariam o que não fizeram. A reunião ministerial extraordinária de sexta-feira serve para anestesiar um pouco a ira do País real, porque a indignação do Presidente, dos ministros militares e dos ministros civis vocaliza a indignação das “bases” militares e civis e a aplaca momentaneamente. A reunião ministerial revelou um divisor de águas: sacudido com vigor, o Governo ou daria um “basta” ou posaria como abúlico e alienado do País. O governador de Santa Catarina diagnosticou, quando foi anunciado crescimento econômico superior a 5% no ano passado, que o País real está em vias de descobrir que, se cresce a despeito do Estado, poderia viver sem ele, não numa anarquia, mas na substituição de todos os personagens atuais do Estado e respectivos coadjuvantes. Será que muitos não percebem isso, ou estão cegos, dando pão-de-ló aos porcos?

Os Poderes da República são, sim, independentes, mas todos os três dependem do povo que os sustenta e precisam respeitá-lo.

■ Alexandre Garcia é jornalista